

DISCURSO DO
PRESIDENTE SAMORA MACHEL
NO
DIA DOS HERÓIS MOÇAMBICANOS

"ORGANIZAR A DEMOCRACIA NO SEIO DA CIDADE,
LIQUIDAR O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO SOCIAL"

- Anunciada a Nacionalização dos Prédios de rendimento

O povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, comemorou o Dia dos Heróis da Pátria, aqueles que se sacrificaram contra a opressão colonialista, que durante séculos agrediu o nosso território. O Dia 3 de Fevereiro, por um lado, recorda um momento triste da História da Luta Popular de Libertação Nacional, pela perda irremediável de um dos principais obreiros da Revolução, Eduardo Chivambo Mondlane. Por outro lado assinala o momento exacto em que agudizámos a nossa luta política, o momento em que rompemos definitivamente com o inimigo. No entanto, o Dia dos Heróis da Pátria lembra acima de tudo aqueles que se sacrificaram, resistindo à penetração colonial, opondo-se determinadamente à administração colonial fascista e, finalmente, todos os que se sacrificaram travando uma guerra popular de libertação contra uma guerra colonial de agressão. É a forma mais justa de recordar esses sacrifícios, assenta no desenvolvimento da luta pela concretização dos objectivos pelos quais os nossos Heróis se bateram - a conquista da Independência total e completa. Mas a realização deste objectivo último exige, que na actual fase do processo revolucionário, nos empenhemos em dar conteúdo à independência política já conquistada. É por isso que nas comemorações do Dia 3 de Fevereiro, o responsável máximo pela Revolução Moçambicana, Samora Moisés Machel, entusiasticamente apoiado por uma multidão estimada em cerca de 50 mil pessoas que enchiam por completo a Praça dos Heróis, em Maputo, transmitiu orientações políticas e algumas medidas imediatas que o Governo executará, e que de forma profunda definem os interesses das largas massas operárias e camponesas. Durante este encontro popular, o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique pronunciou um improvisado, que pela sua importância e significado, passamos a transcrever na íntegra.

Viva FRELIMO; Viva FRELIMO que une e organiza o povo; viva o povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo; Viva a Revolução Moçambicana; Vivam os continuadores da Revolução Moçambicana; Vivam as Forças Populares de Libertação de Moçambique; Viva a luta justa dos povos oprimidos; Viva a luta do povo moçambicano do Rovuma ao Maputo.

A luta continua

Independência ou Morte

Abaixo o colonialismo; Abaixo a reacção; Abaixo a contra-revolução; Abaixo a exploração do homem contra o homem; Abaixo a dominação; Abaixo a discriminação.

Viva a luta do povo moçambicano do Rovuma ao Maputo

Obrigado

Viva a FRELIMO

Viva a população da Província do Maputo

Vamos dizer Lourenço Marques? População de Lourenço Marques? Então como é que vamos dizer? Viva a população da Província do Maputo. Viva a população da Província do Maputo. Viva a população do distrito de Lourenço Marques? Então são de Lourenço Marques? Não.

Então qual é o nome que vamos dar à nossa província? Como é que se vai chamar esta província? Capital donde? O nome da capital como é que vamos dizer? Então? Eu vou dizer depois de ter ouvido muitas opiniões aqui. Lourenço Marques já não é Lourenço Marques. A capital chama-se Maputo. A partir de hoje a nossa capital chama-se Maputo. Província do Maputo, Capital Maputo.

Viva a população do distrito do Maputo.

Viva a população de Maputo.

Concordamos?

3 DE FEVEREIRO SUMARIZA SACRIFÍCIO DO POVO INTEIRO

Nós viemos aqui hoje para celebrar as grandes vitórias do povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo. Viemos para comemorar a resistência popular, a resistência secular contra a penetração do colonialismo no nosso País até ao desencadeamento da luta armada de libertação nacional. Isto representa o resumo das pequenas e grandes vitórias acumuladas pelo povo na sua luta justa contra o opressor. Viemos aqui para honrar a memória dos nossos heróis, aqueles que ofereceram as suas vidas preciosas para que Moçambique nascesse, para que existisse o povo moçambicano do Rovuma ao Maputo sem discriminação de raças, sem discriminação étnica, sem discriminação religiosa e regional.

Viemos aqui para mostrar o ponto mais alto da nossa unidade nacional. O dia de hoje

não simboliza somente aqueles que caíram na luta de libertação nacional quando ela foi desencadeada em 1964, dirigida pela FRELIMO, simboliza também aqueles que foram deportados, aqueles que morreram como escravos nas Américas, em São Tomé, e noutros países, e sobretudo aqueles que morreram quando resistiam à penetração colonial em Moçambique. Embora tenham sido lutas dispersas, lutas desorganizadas elas têm importância para nós como pontos de referência. A luta armada de libertação nacional que começou no dia 25 de Setembro de 1964 não é senão uma continuação da resistência secular contra a dominação estrangeira no nosso país.

O dia 25 de Setembro de 1964 é o grau mais alto da unidade nacional. Então perguntaríamos: o que é que representa o dia 3 de Fevereiro? Diríamos que o 3 de Fevereiro é o dia que sumariza o sacrifício do povo inteiro. Através do sacrifício do Presidente Eduardo Mondlane nós evocamos os sacrifícios dos milhares e milhares que caíram nas prisões, sob as torturas, sob os bombardeamentos, dos militantes que caíram no desempenho das suas várias tarefas para sermos o que hoje somos. Quando dizemos da tortura é nas prisões da PIDE, é nas prisões da Machava, é nas prisões de Mabalane, é nas prisões de Ponta Mahone; é nas prisões da Ilha de Ibo, é nas prisões e nas plantações de ... é nos portos que ... acres através das suas baionetas, através das suas bombas assassinas, através dos adegamentos em que nos encurralavam, onde brutalizavam a nossa população. É na cidade de Lourenço Marques onde criavam Gabinetes de Urbanização para poderem criar as estradas que lhes permitiriam penetrar no seio da população e descobrir os sentimentos mais íntimos da nossa população — sentimentos de resistência, sentimentos de ódio contra o ocupante.

3 DE FEVEREIRO MOMENTO ALTO DA AGUDIZAÇÃO DA LUTA

No entanto, o dia dos heróis não é só um dia de homenagem geral aos heróis, é um resumo dos sacrifícios. Recordar o 3 de Fevereiro é recordar um momento alto da nossa guerra, e ao mesmo tempo um momento alto da agudização da luta política.

Quando nós dizemos a agudização da nossa política é que foi o momento em que nos demarcamos completamente do inimigo. Significa para nós — criámos uma ruptura completa. Diríamos criámos o divórcio com o inimigo, pela vida e pelo comportamento. É quando rompemos com o inimigo. É a altura em que nós começámos a distinguir o que é do inimigo do que é nosso. É aí que nós defi-

nimos que tudo que é do inimigo é mau. Tudo quanto é nosso é de um alto valor. É positivo.

No dia 3 de Fevereiro, o inimigo colonialista aliado ao imperialismo internacional apunhalou-nos pelas costas. É como se nos arrancassem o coração pelas costas. Vivia muito perto de nós, mas, quando sentiu que a luta já ultrapassava aquele nacionalismo estrito e que a nossa luta já não era uma pura luta, simples luta armada, mas visava a libertação total do homem, visava a libertação da nossa personalidade, visava a libertação total da nossa cultura, do nosso valor, em resumo: valorizava aquilo que é nosso, que foi criado por nós e desenvolvido por nós. O inimigo começou a mostrar-se mais cruel, mais bárbaro, mais assassino, mais pérfido. Por isso a vida do moçambicano passou a ser objecto do inimigo.

O dia 3 de Fevereiro é o dia em que o inimigo fez cair a pedra de grande tamanho que sustentava e simbolizava a nossa determinação. É evidente que o inimigo ao praticar este crime desumano, crime hediondo e bárbaro, estava convencido que assassinando um herói, prolongando o que já vinha praticando há longa data, bombardeando, torturando, saqueando, estava convencido que criava as condições para impedir a liberdade do povo moçambicano. Matava o gado, matava cabritos, matava galinhas, lançava granadas nos lagos e nos rios para matar o peixe, porque isso tudo constituía alimento para um moçambicano, a fim de poder resistir à guerra de agressão imperialista, guerra de agressão colonialista.

Mas incapaz de com estes actos impedir o progresso da nossa luta, porque a nossa luta era justa, recorreu ao crime maior como arma final, assassinando, destruindo, fazendo cair a pedra de grande tamanho que representava a determinação do povo moçambicano do Rovuma ao Maputo.

A REVOLUÇÃO SIGNIFICA TRANSFORMAÇÃO PROFUNDA DAS ESTRUTURAS

Mas, se o inimigo não praticasse esses crimes deixava de ser inimigo e sobretudo perderia a sua natureza de ser. Se o inimigo deixar de violar, se o inimigo deixar de abusar, se o inimigo deixar de humilhar, se o inimigo deixar de oprimir, se o inimigo deixar de explorar, se o inimigo se misturar completamente com o povo, perde a sua natureza de inimigo. Mas nessa altura, a nossa resistência era uma resistência inabalável porque já tínhamos assumido a importância do que é a luta popular para se opor à luta colonial. Nós já tínhamos declarado o que é a ofensiva generalizada em todas as frentes. Na frente de organização, na frente de unir o povo, na

frente de organização, na frente de enraizamento das estruturas, na frente de emancipação da mulher, na frente de fazer assumir plenamente os nossos valores, aqueles continuadores que não tinham sido contaminados pelos germes colonialistas. Tratava-se de proteger o viveiro de onde saem as plantas seleccionadas. Para melhorar o tipo de planta que nós queríamos que fosse generalizada em todo o nosso país, do Rovuma ao Maputo. Tratava-se sim, de fazer triunfar a Revolução. A Revolução significa transformação profunda das estruturas, abalar completamente os esquemas mentais dos colonialistas, aquelas mentalidades inculcadas pelos valores negativos dos estrangeiros no nosso país.

Mas é verdade que este crime abalou-nos profundamente a todos nós. Sentimo-nos naquele momento como órfãos perdidos, porque a árvore de grande copa, a árvore de grande sombra tinha sido abatida e nós continuávamos a viver como que arbustos perdidos na floresta.

Porém, o inimigo enganara-se ao pensar que a nossa luta dependia de um homem. A nossa luta era de milhares, era de milhões, era o povo que estava mobilizado, era o povo que estava unido, era o povo que estava organizado, era o povo guiado por uma linha justa. Portanto, não era a queda de um homem, porque atrás desse homem eram milhares e milhões de homens, eram todos os homens determinados e organizados, todos os homens conscientes da sua força, todos os homens conscientes da sua determinação. Por isso nós dizíamos que o povo soube reagir à dor. Soube transformar a sua dor em nova força que é a força que aqui está presente. É esta força que abalou o colonialismo em Moçambique. É esta força que destruiu do Rovuma ao Maputo o colonialismo português. É esta força que ameaça os reaccionários nacionais. É esta força que ameaça o imperialismo internacional. É aí, dizemos, que o inimigo enganou-se mais uma vez. Levantou uma pedra que de um ponto mais alto lhe veio cair nos próprios pés.

NÃO NA FORÇA CAPAZ DE DESTRUIR A VONTADE DE UM POVO

Os Pides estão aqui ou não? Vamos desencadear uma ofensiva de perseguição, captura e aniquilamento dos Pides. Denuncitemos sem piedade os Pides que foram aliados incondicionais do colonialismo. Têm as mãos sujas com sangue.

Por que é que dizemos isso? Por que é que dizemos que o povo reagiu, soube reagir a essa dor? Soube transformar a dor em nova força? Porque não se pode matar a liberdade! Porque não se pode assassinar a vontade de um povo! Não há força no Mundo capaz de destruir a vontade

de um povo. Não ha armas, não ha avião nenhum, por mais aperfeiçoado que seja, para matar e assassinar a determinação de um povo, de impedir a liberdade de um povo.

O imperialismo juntou-se atrás do colonialismo português para nos destruir sem armas. Com mãos vazias construímos aquilo que somos hoje. É através dessa determinação que nós mostrámos ao Mundo, provámos que atrás de um homem vinha todo um povo inteiro. Não era um homem, era um povo inteiro jun-

APÓS O 3 DE FEVEREIRO APROFUNDAMENTO NA DEFINIÇÃO DO INIMIGO

O 3 de Fevereiro foi ao mesmo tempo um momento alto. Queremos que compreendam bem isto. Um momento alto do aprofundamento da nossa linha. Vamos dizer: o ponto de clivagem. As duas linhas diametralmente opostas. É depois de 3 de Fevereiro que acabámos com alianças falsas, amizades artificiais, superficiais, amizades através de coisas secundárias e mesquinhas. Aprofundámos a nossa linha e dizemos: só unidos por uma linha correcta, por uma ideologia totalmente ao serviço do povo, ao serviço da Revolução, seremos capazes de derrotar o inimigo por mais forte que seja. Vamos pouco a pouco debilitando, vamos trabalhando como as formigas que pouco a pouco vão juntando e assim a um certo momento fazem um morro de muchem grande.

Começámos a definir o conforto e guerra e chegámos à conclusão que o conforto e guerra não andam paralelos, são diametralmente opostos. Entre a corrupção e a revolução não há coexistência pacífica. Onde há revolução há destruição da corrupção. É por isso que nós dizemos o conforto e guerra não andam paralelos e essa guerra continua até hoje. É por isso que nós dizemos: foi um momento alto de aprofundamento da nossa linha política.

O crime do dia 3 de Fevereiro obrigou-nos a analisar as causas de acção do inimigo, os objectivos políticos que ele visava. A nossa luta já tinha conquistado muitas vitórias. O colonialismo estava abalado do Rovuma ao Maputo. O colonialismo estava abalado em todo o nosso território, em todas as regiões, em todas as províncias, em todos os distritos e localidades. Por isso recorreu como última alternativa a aldeamentos, e a que nós chamamos campos de concentração. E nesses campos de concentração aumentava a droga, o alcoolismo, a prostituição, a falta de respeito pela mulher moçambicana, destruiu a dignidade da mulher moçambicana, a personalidade do moçambicano. É por isso que encontramos em grande escala, muito acelerado nas capitais do nosso país, como Lourenço Marques, a utilização da droga a partir das crianças da

escola do ensino primário que quer do chegar à Universidade têm diploma de especialista de droga, para mostrar que o mais civilizado é aquele que consome a droga e o álcool. A menina mais civilizada é aquela que fuma, e aquela que pratica a libertinagem, a chamada liberdade do mundo livre. A rapariga e o rapaz mais civilizados são aqueles que não têm respeito pelos pais, são aqueles que não têm respeito pelo professor na escola porque é mais civilizado. É aquela que se entrega a todo o tipo de imundicies, é aquela que quando mais cedo voltou para casa, chegou às três horas da madrugada. É o que nós encontramos, o que nós assistimos ao nível da cidade, sobretudo ao nível da juventude, da «juventude civilizada». O ser «civilizado» é andar nu, é consumir mais a droga, o álcool, e abusar, violar as regras mais elementares, regras que existem na escola, o mais elementar disciplina que existe no lar, violada constantemente pela menina e o rapaz mais civilizado. O homem mais civilizado é aquele que dentro de uma semana muda de cinco moções. É esta semente colonial que nós encontramos. É este o inimigo contra o qual se dirige a nossa luta actual. Sem a noção do que é a política, sem aprofundamento do que é a Revolução ... Contra quê? Quais são os inimigos da Revolução? Diremos de novo: é fácil ganhar a guerra, mas é difícil governar em cima das baionetas e é muito fácil perder a nossa Revolução, sobretudo o poder que nós já conquistámos, por causa dos corruptos que já aqui existem, aliados do inimigo.

A grande preocupação é imitar o estrangeiro. Imitar a França, imitar a Alemanha federal, imitar até os boers da África do Sul, os mais boçais que existem aqui. Alguns fazem entrar clandestinamente aqui revistas da África do Sul para adquirirmos a civilização dos boers. Há dezasseis milhões de africanos lá oprimidos por quatro milhões de boers. É por isso que o imperialismo ficou alarmado quando viu o colonialismo abalado. O imperialismo internacional sentiu-se ameaçado, veio a correr para socorrer o colonialismo, mas já era tarde. A luta já tinha raízes no seio do povo.

HÁ MORTES PESADAS E HÁ MORTES LEVES

O crime do dia 3 de Fevereiro visava fazer desviar a nossa linha política. Queriam obrigar a FRELIMO a capitular perante o inimigo. Se não aprofundássemos a nossa linha política, o nosso movimento facilmente seria destruído e, assim, a determinação do nosso povo. Mas os militantes da FRELIMO unidos ao povo souberam ver que através do assassinato de um homem, de um dirigente, o inimigo procurava impedir o triunfo de uma linha política popular. Os militantes da FRELIMO souberam fazer fracassar essa manobra do inimi-

go e levar mais longe a luta político-ideológica, isolar o inimigo imperialista e os seus aliados. Souberam tornar o sacrifício do Presidente Mondlane útil para os interesses do povo. O dia 3 de Fevereiro foi assim transformado num momento de derrota política dos reaccionários, num momento de aprofundamento ideológico que permitiu à FRELIMO ser o que é hoje, uma força política unida e ligada ao povo. O que significa isto? Que a morte pode ter vários conteúdos. Há aqueles que morrem ao serviço da opressão. Alguns morreram quando guiavam as tropas portuguesas para atacar a população nas zonas de combate. Esta é uma morte pesada? Ou é uma morte mais leve do que uma pena de galinha? É uma morte sem peso, sem valor, uma morte inútil ao serviço da opressão — a dos que morrem depois de uma vida dedicada à opressão. Mas há os que morrem dedicados à causa do povo, depois de uma vida dedicada ao serviço dos interesses do povo. São duas mortes totalmente diferentes. Aos que morrem na clandestinidade organizando o povo, aos que morrem escondendo a vida da organização, significa a vida do povo, são esses a quem nós prestamos homenagem hoje.

O QUE CONTA É COMO SE VIVE E NÃO COMO SE MORRE

Nós não viemos aqui para render homenagem porque eles morreram. Não confundam. O cemitério de S. Xavier está cheio de mortos. Alguns atropelados quando estavam bêbados, outros abatidos por balas quando roubavam, outros quando exploravam, outros quando oprimiam, outros quando prendiam a população para as companhias nacionais, internacionais ou multinacionais e morreram. Não tem valor esses. O que conta não é a maneira como se morre. O inimigo também morre por balas. O ladrão também morre por balas. Alguns maus elementos entre nós morreram também por balas, mas esses nem queremos recordar como é que eles morreram. Morreram traindo. Morreram vendendo a vida do povo ao inimigo.

O que conta é a maneira como se viveu, o sentido que se dá à vida. Quer dizer: nós viemos aqui para homenagear a vida que levaram, a dedicação que eles deram à vida de libertação nacional, é o que nós viemos hoje aqui homenagear. Não é porque morreram. Não é a morte. Não viemos homenagear a morte. Nós viemos homenagear a vida exemplar, a vida de modelo que eles nos deram. Isso é que conta para nós. Eles morreram dedicando a sua vida inteira ao serviço do povo. Aqueles que em cada momento sabiam definir quem é o nosso aliado, quem é o nosso inimigo. Aqueles que enfrentam a problemática da nossa luta,

aqueles que sabiam enquadrar a nossa luta no resto da luta dos povos oprimidos, das classes exploradas. Muitos diriam: os heróis são aqueles que morrem. Herói não é só aquele que morre. Não é! O heroísmo manifesta-se pela forma de vida e pela dedicação. Isto quer dizer que há heróis vivos entre nós aqui. No seio das Forças Populares de Libertação de Moçambique, no seio da Organização da Mulher Moçambicana; no seio dos continuadores da Revolução, no seio dos militantes que trabalharam na clandestinidade, no seio da população, existem heróis vivos que devemos respeitar. O herói não é só aquele que morreu. Os heróis são aqueles que estão sempre dedicados ao serviço do povo. Heróis durante a luta de libertação, heróis que se revelam hoje nas novas tarefas que exigem coragem, determinação, resistência às ideias derrotistas do inimigo pelas suas manobras. Esses, são heróis.

Qual o significado do sacrifício dos heróis? Porque lutaram e caíram? Alguns tomam o combate no sentido da luta pelos interesses individuais, mas quando nós decidimos que alguns teriam de aceitar o sacrifício máximo, sacrificar a própria vida, estávamos a lutar por interesses individuais? Porque quando nós começámos a luta, foi depois de chegarmos a esta conclusão: que o colonialismo português em Moçambique não sairia de sua vontade livre, que era preciso ser combatido e para ser combatido era necessário que alguns de nós aceitassem o sacrifício, incluindo o da própria vida.

A RAZÃO DE SER DA NOSSA LUTA

Estávamos a lutar pela conquista da independência política, da independência económica, da independência social e da independência cultural. É lá onde está o sentido de ser da nossa luta, a razão de ser da nossa luta, porque é lá onde está a personalidade moçambicana. Politicamente não participávamos na discussão para nossa vida própria; alguém decidia por nós. Politicamente não éramos consultados mas alguém decidia de longe por nós e os seus instrumentos de opressão em Moçambique faziam-nos cumprir a força. Construímos fábricas para satisfazer o objectivo único de um punhado de capitalistas, abriam-nos estradas, alcatroávamos estradas para os carros dos patrões andarem. Éramos obrigados a não dançar o nosso «chingomanes», mas a dançar o «vira» que nunca vimos. Onde está esse «vira»? Quem é que sabe dançar o «vira» aqui? Quem é? E a valsa? Civilizado é aquele que dança a «valsa»? Ainda dizem que não há cultura em Moçambique.

Agora não se dança em Moçambique? Se eles não dançam não é porque não querem

o porque não sabem. Não dançam porque não sabem o valor, o valor cultural que está lá. Eles não vivem não sentem, são animais! Não dançam porque ... quem são estes eles? Estes ... de baixo «estrato». «Gente de baixo estrato». Não tem estatuto. Como é que vai dançar isto? Mas se pusermos o tambor aqui, estes dançam e todos nós vamos assistir. É ou não é? Nós não dançamos porque essa cultura tem medo do Sol. Quando o Sol aparece essa cultura esconde-se. Quando o Sol se esconde essa cultura começa a viver: é por isso que nós não dançamos. Temos outras coisas mais fundamentais. Porque isso era o refúgio. O futebol, o baile, não tinham nenhum conteúdo político. Era o refúgio dos capitalistas para desviar a população de discutir os seus problemas, de como reconstruir o País. Nós estávamos a lutar pela independência que beneficiasse todo o povo, que fosse assumida por todo o povo. É esta a razão da nossa luta. A luta que continua para melhorar as condições de vida de conjunto do nosso povo trabalhador.

POR SERMOS CONSCIENTES SOMOS UMA FORÇA DECISIVA

A nossa luta é portanto uma luta de explorados contra os capitalistas. Por isto dizemos sempre: a luta continua! Contra o inimigo permanente. É uma luta de classes e a luta dos pobres é para liquidar a miséria, a luta dos pobres é para liquidar a pobreza, a luta dos pobres é para liquidar a injustiça social, a luta dos pobres é para transformar a sociedade. Se os pobres deixarem de lutar serão engolidos. Somos pobres, é verdade. Eles dizem também, os grandes, os senhores dizem: coitados deles. Eles não podem, são pobres ...

Temos uma coisa que é nobre: somos pobres, mas conscientes, conscientes dos nossos objectivos, sobretudo conscientes da nossa força. Que nós somos uma força principal, que nós somos uma força decisiva que nós é que resolvemos a vida, que nós é que reconstruímos o Mundo. Pobres, mas conscientes que a nossa força reconstrói o Mundo e os ricos vivem porque nós existimos. Sem nós eles não vivem. Eles vivem como parasitas, não passam de piolhos.

SÓ O POVO FAZ MILAGRES NO TRABALHO QUOTIDIANO

Isto depende de nós, se queremos que a nossa vida seja constantemente inútil, se queremos que seja sempre assim, seja uma vida perpétua, seja uma vida eterna, depende de nós. É ou não é? A força está conosco, constituímos a força decisiva. Nós somos pobres, mas claros nos nossos objectivos. Uma coisa é verdade e é certa: somos pobres mas não pobres mentais. Mentalmente não somos pobres, somos ricos, somos uma potência, pode-

mos construir maravilhas. Nós é que fazemos milagres. Não há milagres que vêm do céu. Milagres são criados pelos homens, fabricamos-nos nós no nosso trabalho quotidiano, em contacto com a terra.

Somos pobres persistentes e determinados. Somos pobres, porque explorados. Lutamos decididamente. Lutamos tenazmente pela realização dos nossos direitos, para dar conteúdo aos direitos de todo o povo.

INDEPENDENCIA IMPLICA BENEFICIOS PARA AS MASSAS EXPLORADAS

Já conquistámos o primeiro desses direitos. Qual é esse direito? A Independência é o primeiro direito. Já conquistámos o primeiro desses direitos que é o direito à Independência política, mas a independência política ficará vazia se a independência não trazer benefícios concretos às massas, às massas exploradas do nosso povo. Repetimos: a independência política ficará vazia se a independência não trazer benefícios concretos às massas exploradas do nosso povo, se não dermos corpo ao direito à terra.

Visitámos a cidade de Lourenço Marques e descobrimos o que a cidade de Lourenço Marques produz afinal. Encontrámos feijão, encontrámos massaroca, encontrámos mandioca em toda a parte de Lourenço Marques. Isso já é um passo porque agora a terra está nas mãos do povo.

Já conquistámos alguns direitos: direito à terra, direito à saúde, direito à educação, direito à alimentação, direito ao alojamento, direito ao trabalho, direito ao transporte, direito à assistência social na velhice. Esse trabalho exige um esforço, um esforço conjugado, um esforço organizado do nosso povo do Rovuma ao Maputa. Conquistámos a Independência que é um passo decisivo para conquistarmos o poder económico. É a realização progressiva destes direitos, combinada com a participação cada vez maior da população na resolução dos seus problemas que nos levará do estado da miséria ao estado da prosperidade.

Foi por isso que o Governo tomou as primeiras medidas para realizar o direito à terra a fim de libertar a produção; em particular, a produção agrícola. Para pôr termo à especulação e prepotência, realizámos o direito à saúde e educação porque aí está a base do Homem Novo, porque é lá onde está o segredo da criação do Homem Novo. Só criando o homem são, são de corpo e de espírito, aí então criaremos uma Mentalidade Nova.

ALGUMAS DEFICIÊNCIAS

Estamos no entanto conscientes de que muitos problemas difíceis ainda subsistem, ainda não conseguimos resolver. O problema dos transportes no campo como na cidade. Sabemos que muitos chegam tarde ao serviço porque não há transportes suficientes. Sabemos que quando termina o trabalho alguns regressam para casa, e só chegam à meia noite, ou à uma hora, para de novo acordar às cinco horas porque não há transporte para os levar a casa, para almoçar ou para jantar ou chegar a horas. Mas esse problema só será resolvido conjugando o nosso esforço. A resolução dos problemas de transportes não virá de fora. Não haverá milagres para resolver a questão de transportes. Só quando o povo estiver estruturado, estiver mobilizado, estiver organizado, estará em condições de localizar em cada momento, em cada etapa, as deficiências que existem no nosso País, estará em condições de indicar as soluções, as resoluções correctas para esses problemas. Ainda não conseguimos produzir o suficiente, mesmo para o consumo, da cidade de Lourenço Marques. Há a questão da falta de batata. Há a questão da falta de cebola e sobretudo as bichas que começam às três horas até às 11 horas e não conseguem comprar o pão. Conhecemos esses problemas.

E por que é que falta o pão agora? E porque vocês estão independentes, vocês todos já vão à baixa para comprar o pão. O número de habitantes que come pão hoje aumentou, por isso há falta de pão. Só podemos resolver o problema produzindo. Mas também há sabotagem. Alguns sacos apodrecem nos armazéns e dizem à população: «O vosso Governo ... como vai resolver? Não há pão. Não há dinheiro. É um pobre Governo».

SERÁ O PRÓPRIO POVO CONSCIENTE E ORGANIZADO QUE ELIMINARÁ A MISÉRIA

É pobre porque é governo de pobres, exactamente. O colonialismo quando saiu deixou-nos dinheiro aqui? Agora de onde virá o dinheiro para resolvermos os problemas? O Governo fabrica dinheiro? Quem é que fabrica dinheiro? São vocês. Tenham consciência disso. A resolução dos problemas da falta de transportes, da falta do pão, da falta da batata, da falta de cebola, depende do povo. É uma questão do povo decidir. No dia em que o nosso povo estiver decidido, engajado, assumir plenamente esta política de que a produção agrícola é a base da nossa economia, resolveremos totalmente a questão da fome aqui em Moçambique.

A nossa terra é bastante rica. Moçambique, do Rovuma ao Maputo, está irrigado pe-

los rios. Os rios constituem em todo o mundo a maior riqueza de um país.

Alguns aqui acabaram o ensino secundário, acabaram a Universidade, mas não sabem quais são os rios de Moçambique. Mas conhecem o Mondego, conhecem o Tejo, e pensam: «como é que há-de vir o trigo se já os portugueses saíram daqui? O colonialismo é que trazia o pão para aqui». «Até falta arroz aqui em Moçambique».

Não acham que isso é uma vergonha para o povo moçambicano? Do Maputo até ao Rovuma a nossa terra produz arroz, produz cana-de-açúcar. Várias companhias estão paralizadas, já não produzem o açúcar suficiente porque parece que o povo, como dizia o colonialista, o «africano preto, é indolente, é preguiçoso, preguiçoso por natureza». São preguiçosos vocês?

Ainda não conseguimos resolver o problema de habitação tanto no campo como na cidade. Andámos ontem, aí em algumas ruas e nem conseguíamos descer. A população de Lourenço Marques, refiro-me aos «civilizados», ao sair de casa e ao pôr os sapatos vem a mulher atrás com a toalha para limpar os pés, quando já está na estrada é que põe os sapatos, porque algumas casas estão cheias de água. E quando chega ao serviço diz «quando saía de casa evidentemente havia umas pequenas águas ali em frente».

ALDEIAS COMUNAIS

No campo, para onde dirigimos o essencial dos nossos esforços, a aldeia comunal. Os reaccionários chamam campos de concentração. O inimigo alguma vez teve razão? O inimigo diz: «hoje este vosso Governo ... tem mulatos, tem brancos, que Governo é aquele»? Agora é o inimigo que deve formar o nosso Governo? É o inimigo que define o nosso Povo? É o inimigo que define quem é que deve, quem não deve ser moçambicano? Ou somos nós? Parece que alguns de vocês tem saudades do colonialismo. Alguns têm saudades porque ganhavam à custa de liquidar os outros. Quando pegámos em armas foi o inimigo que disse que vocês devem lutar? Quando vocês ofereceram resistência aqui na cidade de Lourenço Marques, foi o inimigo que vos organizou? Porque é que vêm hoje indicar quem é que deve pertencer ao Governo ou não deve pertencer? Porque é que é o inimigo?

Quando o inimigo diz que em Moçambique se trabalha bem devemos examinar o nosso trabalho. Ser elogiado pelo inimigo é uma coisa má. O ser atacado pelo inimigo é uma coisa boa.

A aldeia comunal é para nós cidade do campo, cidade do campo. A cidade nasce do campo. Não é da cidade que nasce o campo. Isto era campo. Isto era mato. Em toda a parte onde vocês encontram cidade, era campo, mais organizada com a vida colectiva sobretudo, com a vida colectiva, onde a destruição total da vida individual, onde destruímos o individualismo, a ambição, é na aldeia comunal. É ali onde podemos assumir plenamente a nossa tarefa porque viveremos organizados, programados, e com tarefas distribuídas. É na aldeia comunal.

Vocês, vivem aqui aparentemente vizinhos. Mas são como chifres de cabritos que são pretos mas nunca se encontram. Os vizinhos aqui estão divididos. É assimilados, evoluídos e não evoluídos, é indígenas,... É ou não é? Existem assimilados ou não existem? É uma realidade.

É preciso uma luta intensa, permanente, uma luta consciente, para os convencer que são iguais aos outros. Não são mais que os outros, e os outros ainda não se libertaram dessa mentalidade colonialista. Dessa mentalidade estrangeira. É ou não é? Agora não

gritam porque gostam de ser assimilados.

Deixa de ir buscar o fogo perto do vizinho porque o vizinho é indígena e vai a um ponto mais longínquo porque aí encontra a identidade. É lá onde está o assimilado. É lá onde vai buscar o fogo. E ou não é? Abaixo a discriminação. Abaixo a discriminação social. Abaixo a divisão. E não é só em Lourenço Marques, é em toda a parte onde vivem os assimilados, é assim. Que mentalidade escrava e de estrangeiro, de desprezar o trabalhador, chamar de pé descalço!

Porque, a aldeia comunal é o instrumento que permitirá resolver de maneira global, no conjunto das necessidades sociais e materiais das largas massas rurais, que são mais de 90 por cento, ou 95 por cento da nossa população.

É na aldeia comunal, é onde as nossas crianças aprenderão a viver colectivamente. O que é formar o pensamento comum, o que é fazer uma análise crítica da vida? O que é ver objectivamente a Natureza.

É lá, nas aldeias comunais que teremos o Hospital e a Maternidade para toda a população que estará na aldeia comunal, sem discriminação social. É lá onde organizaremos a loja, a cooperativa, o mercado, o supermercado para a população. Os supermercados não é só para as grandes cidades, não.

CIDADES SÃO REDUTOS DOS VICIOS

As cidades são os redutos dos vícios, o reduto dos males, é a fábrica dos reaccionários, das ideias erradas que existem nas cabeças de muitos. É o centro do boato. É o centro de calúnias. Onde há boatos, onde há calúnias, onde há rumores falsos, essa sociedade é muito permeável. Essa sociedade é muito vulnerável para o inimigo, porque domina os vícios, sobretudo os vícios e os defeitos que foram herdados ao longo da vida e deixados pelos colonialistas.

Essa sociedade, onde certas pessoas passam o tempo a fazer intrigas de como vive a família fulana, como se veste a família fulana, como come a família fulana. Mas não é esta a nossa questão para a reconstrução de Moçambique.

Mas então, como é que devemos desenvolver a nossa sociedade, e como é que devemos desenvolver a nossa economia, como é que devemos sair da pobreza? Esses é que são os problemas de todo o conjunto do povo moçambicano, desde o Rovuma até ao Maputo. Esses é que são os problemas centrais. E não as intrigas e os boatos.

ALDEIA COMUNAL RESOLVERÁ NOSSOS PROBLEMAS

Através das aldeias comunais, o nosso esforço colectivo associado com o apoio do Governo permitirá resolver o problema da produção da técnica agrícola, escoamento da produção, regularização dos preços das colheitas que têm muita especulação em todo o nosso país, os problemas de habitação, abastecimento de água e electricidade. Os problemas de instrução, os problemas da saúde, organização social e da vida cultural vão-se desenvolver de uma maneira harmoniosa e rítmica.

A nossa preocupação essencial não é a cidade. A nossa preocupação essencial é o campo, como aqui dissemos. Temos 95 por cento da população que é do campo. Temos de levar a cidade para o campo, e o campo a invadir a cidade, para ir buscar a vida sã, a vida pura. Do campo temos de trazer os seus valores positivos para a cidade.

Porque a vida colectiva, destrói completamente o individualismo, o liberalismo, a anarquia, a confusão. Portanto, esses valores positivos da sociedade, devem atingir a cidade para destruir o individualismo, a vocação para o capitalismo.

Fazer do campo a cidade, para que o conjunto do nosso povo, beneficie de melhores condições. A tarefa da Revolução é liquidar o desequilíbrio que existe nas cidades. A contradição gritante, a contradição aguda que existe entre o campo e a cidade.

Mas para essa tarefa triunfar é preciso realizarmos estudos profundos. É necessário que o Ensino, até mesmo o Ensino secundário, seja generalizado ao nível do campo, e não somente para um punhado de pessoas que vivem nas cidades. É necessário que a população que vive no campo tenha saúde, tenha assistência.

Para que a nossa Revolução constitua a base segura da rectguarda para o prosseguimento vitorioso do nosso combate libertador e não só libertar a terra e os homens, mas libertar também a mentalidade dos «cavas» e estrangeiros.

Todos nós sabemos o que é a vida colectiva, o interesse da maioria e não só o interesse individual.

● PROBLEMA HABITACIONAL

Mas também na cidade, o problema do alojamento é bastante grave.

As inundações que tiveram lugar na semana passada no Sul do Save, mostrou que o problema é muito agudo. O povo vive em condições sub-humanas. O direito ao alojamento é o direito essencial da comunidade e de todo o cidadão. Ter casa significa um direito fundamental de cada um de nós. E o nosso Governo tem a preocupação e o maior desejo de ver todos bem alojados e a viver em condições dignas e decentes.

O nosso Estado tem o dever de criar essas condições, mas só o conseguirá com o apoio das massas. E para que o povo apoie é necessário que o povo esteja estruturado, esteja orientado.

A nível do campo, lançamos como ideia fundamental, que é esta que vai permitir o desenvolvimento do nosso país, a ideia das aldeias comunais. E a nível das cidades, gostaríamos que todos aqui vivessem enquadrados em bairros para que haja lojas.

ELIMINAR A ESPECULAÇÃO ATRAVÉS DE BAIRROS COMUNAIS

Eu sei que há muitas lojas espalhadas aqui, mas são lojas de especuladores que roubam. Existem muitas lojas espalhadas no seio da população, para roubar. Nós queremos que vocês construíssem. Cabe à Câmara Municipal, ao Governo, ajudar, apoiar essas iniciativas. O nosso esforço deve ser esse ao nível das cidades. Em Lourenço Marques, no Xai-Xai, na Beira, aMnica, Quelimane, Tete, Lichinga, Pemba e Nampula, os capitais das províncias de Moçambique terão bairros comunais. E dentro desses bairros comunais, os habitantes terão as suas lojas, que chamaremos cooperativas dos bairros comunais once vocês terão que controlar o que falta e porque é que falta.

Aqueles que trabalharão nessas cooperativas, serão vossos funcionários para aniquilar o especuladores. O Ministério da Indústria e Comércio dará orientações. O Ministério das Finanças dirá como é que vocês irão contribuir para construir as vossas próprias lojas para satisfação das vossas necessidades.

CIDADES REFLECTEM ESTRUTURAS DO COLONIALISMO

Mas temos outros pontos difíceis a nível das cidades. As nossas cidades, no presente momento, reflectem as estruturas do colonialismo. Como é que vamos resolver esse problema? Primeiro, temos de apagar completamente a imagem colonialista.

A medida que caminhámos, reparámos, observámos, do ocidente para o oriente, por exemplo em Lourenço Marques, que a cor da pele vai branqueando quando começamos de Ch i n h a m b a n i n e, quando começamos da Mafalala, do Bairro Indígena, quando começamos da Malhangalene, os que vêm da Missão de São José, as cores vão mudando quando chegamos ao Alto Maé, a cor vai ficando mais branca, e quando subimos a Manuel de Arriaga, esta embora misturada um pouco, mais branca. E quando vamos à Polana, encontramos a pele mais branca. E quando descemos do Alto Maé, encontramos uma série de pigmentação da pele. Que cidade é esta? O que é isto?

Outra cidade começa do Chinhambanine, da Missão de São José, da Malhangalene, da Mafalala, do Bairro Indígena, do Chamanculo. À medida que vamos subindo, do Ocidente para o Oriente, em certas zonas, não nos sentimos bem. Não estamos à vontade. Sentimo-nos intrusos. Há uma intromissão. Até se admira! Ah! Tu também vives aqui?

Há zonas de mulatos. Os meus sobrinhos, vivem sozinhos agora. Os filhos da minha prima e da minha tia vivem sozinhos também. São intermediários os meus sobrinhos para comunicarem entre o mãe e o pai, vivem ali na zona onde vivem os mulatos: Alto-Maé. Estão na fronteira, vivem na fronteira, são intermediários. Eu também já andei lá para ver se havia mudança. Encontrei muitos mulatos lá, e «brancos de terceira classe» também estão lá. Depois há zonas de brancos: pedreiros, carpinteiros, fogueiros dos Caminhos de Ferro. Estes constituem também uma classe. Mas, por causa do vencimento, os maquinistas já não se juntam aos fogueiros, já não se juntam com os pedreiros e operários. Desprezam a classe que cria o Mundo.

Tudo isto constitui a sociedade Ocidental. A Civilização Cristã!

Depois, descendo da Casa Fabiao, para baixo, encontramos a zona dos indianos. Num bloco, todos juntos. Depois encontramos os

paquistaneses também. Há uma zona de chineses também. Onde vive o Fu Yng. Na «loja do chinês». Na 5 de Outubro. Depois encontramos zonas de pretos: Chamanculo, S. José, Chinhambanine.

Isto mostra que em Lourenço Marques (e não só em Lourenço Marques, no Xai-Xai, Beira, Chimoio, Quelimane, Tete, Nampula, Lichinga, Pemba) mostra que há uma discriminação real na habitação. É uma forma de «apartheid», como existe na África do Sul. Existe, é bom dizê-lo. Se não o dissessemos não estávamos a ser honestos. Temos que encarar a realidade do nosso país. Foi o colonialismo que criou tudo isto. É por isso que dissemos ao princípio que as nossas vidas reflectem no momento presente as estruturas do colonialismo.

Nós gritamos todos os dias «abaixo o racismo!», mas na realidade o racismo vive bem alimentado em Moçambique. Encorajamos o racismo. Alguns gostam de viver onde os outros não podem. Isto mostra que não existe, isso mostra que não há uma unidade verdadeira, a verdadeira unidade, a unidade real, a unidade que gritamos todos os dias: «viva o povo unido do Rovuma ao Maputo!» Não existe ainda na prática, enquanto existir este tipo de discriminação racial no nosso país, enquanto nós próprios permitirmos que se viva dentro da estrutura estabelecida pelo colonialismo em Moçambique. As classes determinadas pelo dinheiro, pela cor da pele, vivem separadas em grupos.

Aqui em Lourenço Marques, como em todo o nosso país, ainda existem clubes como a Casa do Minho, Casa do Algarve, Associação Africana (que é dos Mulatos, a Associação Africana é dos mulatos de «primeira classe», porque se for um mulato escuro já não entra, discriminam-se até entre eles, os mulatos, não têm vergonha!) há clubes conforme a cor da pele. O Indo-Português já não tem razão de ser sequer, porque aqui já não existe Goa. Indo-Português já não tem razão de ser; é inconcebível para nós. Indo-Português, Indo-Português! Portugal já não existe aqui, tal como Goa. De onde vem essa associação? Ouvi dizer que mudaram de nome, mas são os mesmos que compõem o clube. Mudaram de nome, mas o conteúdo continua. Chamam-lhe agora «Clube Popular» agora há muita mudança! Deram-lhe o nome de «Popular» nós chamamos a isto OPORTUNISMO! Oportunismo descarado! Em nome do povo querem explorar o povo! Em nome do povo querem discriminar o povo! Isto não é senão oportunismo de direita declarado; é uma camuflagem, porque na realidade o povo não vai lá. Chamamos a isto oportunismo, dogmatismo e demagogia. São como os camaleões que mudam de cor. E não queremos esses camaleões em Moçambique! Não queremos camaleões.

Nós queremos uma unidade real, não queremos o racismo, **REALMENTE** não queremos o racismo! Nós não combatemos para substituir o racismo português pelo racismo moçambicano. Não queremos clubes discriminatórios, não queremos associações discriminatórias, não queremos. E quando estamos a falar da cidade, encontramos uma separação nítida entre a cidade de cimento e caniço em todo o nosso país, sobretudo nas capitais. Cidade de caniço cidade de cimento! A cidade de cimento reflecte o espírito de elite o espírito de grupismo. Em resumo diríamos que a sociedade moçambicana tem quistos no seu seio que é preciso extrair. O ponto de encontro entre mulátos, entre indianos, entre brancos entre paquistaneses, entre chineses e os pretos é o local de trabalho. Algumas horas de trabalho. E esse encontro é também superficial. Não aprofundado. O ponto de encontro é o local de trabalho, mas mesmo aí o convívio é superficial. A discriminação continua a existir, mesmo ao nível do emprego.

As causas do problema são: estatuto de diferenciação entre as pessoas em função da cor e do tom da pele, criado pelo colonialismo a fim de perpetuar a divisão do povo moçambicano. Há zonas para cada cor da pele e mesmo quando um preto tem dinheiro para pagar a renda não se sente bem numa zona onde há brancos. «Sente-se estranho». Não tem coragem de ir para lá. Temos visto muitos pretos aqui que ganham oito contos mas não vão para lá.

Foi para isto que nós oferecemos as nossas preciosas vidas? Foi para isto que nós mergulhámos a nossa terra na guerra? Tantas vidas que se sacrificaram para assistirmos de novo à divisão do povo moçambicano, para assistirmos de novo à discriminação?

EXPLORAÇÃO NA HABITAÇÃO

Sistema de exploração das casas. Muitos capitalistas construíram prédios para explorar as necessidades das pessoas em matéria de alojamento e quem construiu foram vocês aqui o povo. Quando concluída, quando mobilada, quando já alcatifada, quando pintada a casa, passas a entrar pela cozinha, és atendido atrás, na cozinha, já não podes entrar pela frente porque a casa já está construída.

Há casas vazias na zona do cimento quando na zona do caniço dezenas de famílias vivem com um metro de água dentro de casa. Para que o homem possa usar sapatos a mulher tem de vir atrás com a toalha e meias. Sai de calção. Só usa calças no meio da estrada para poder chegar ao trabalho. Depois a mulher volta com o calção e vai esperá-lo de novo à hora do regresso ou então

manda o miúdo esperar. Em todo o nosso país é assim. Não é só em Lourenço Marques. Mas não dizemos que vamos resolver este problema hoje. Isto é para terem consciência de que é preciso trabalhar. Não passivamente também, encontrar soluções rápidas para isto.

Dizemos: há milhares de casas vazias na zona do cimento quando milhares de trabalhadores vêem-se obrigados a ir morar para o Benfica, Liquejeva, Ulene e noutros locais a muitos quilómetros dos seus empregos sem transportes, sem hospitais, sem água corrente. Gostaríamos de formular algumas perguntas. Quem são os donos da cidade de cimento, na realidade? Quem são? Onde estão eles? Levantem os braços. Onde estão os donos da cidade de cimento? Com que dinheiro foram construídos todos esses prédios? Trouxeram esse dinheiro? Arranjaram onde? Muitos ganharam o dinheiro aqui explorando o operário, explorando o nosso povo. Depois foram esconder esse dinheiro nos bancos da África do Sul, nos bancos de Portugal e nos bancos da Suíça e deixaram a miséria e os prédios no nosso país. Quem fez os prédios? Continuam a constituir artérias e veias que transportam o dinheiro para fora onde estão os danos. E nos locais onde estão financiam reaccionários para atacar o nosso País, para destruir a nossa República, para destruir o nosso povo. Como o dinheiro que sai de Moçambique querem destruir Moçambique. Dinheiro feito por moçambicanos para destruir moçambicanos. Por outro lado, para construir esses prédios, que também são formas de exploração, pediram empréstimos ao Montepio, ao Instituto de Crédito e aos bancos moçambicanos. Portanto os prédios foram construídos com dinheiro do Estado, com o dinheiro dos nossos impostos, e a maior parte desses empréstimos ainda não foram pagos. Mas onde estão esses senhores? Onde estão então os donos da cidade?

Para construir esses prédios foram pedir ao governo o dinheiro e devem, até aqui, quatro milhões de contos. Não confundam não são quatro mil contos. São quatro MILHÕES de contos!

Portanto os prédios, as montanhas e colinas que nós vemos daqui, estão assentes sobre os nossos ossos, e o cimento, areia e água que lá estão, não são senão o sangue dos trabalhadores, o suor do trabalhador, o sangue do povo moçambicano! São as formas mais altas de exploração do nosso povo.

A maior parte deles, donos desses prédios, são nossos inimigos declarados. Os que nos consideravam incapazes, os que nos chamavam «os incapazes», «os terroristas», «os turras». Agora o «turra» ganhou. Viva o turra! São os mesmos que cobravam impostos às populações, através dos régulos. São os

mesmos que financiavam o exército colonial. São os mesmos que davam dinheiro aos assassinos da PIDE. Os gansters. São os mesmos que faziam das famílias células da PIDE. Transformavam a família, transformavam o lar numa célula da PIDE. São os mesmos que proliferavam os agentes informadores da PIDE. Com esse dinheiro. São os mesmos que eram membros da ANP, a Acção Nacional Popular. Eram os que apoiavam o senhor Marcela Caetano. «O brilhante homem que foi Marcelo Caetano», até que caiu de costas. Convencido que estava a ganhar a guerra em Moçambique o Marcelo Caetano instalou-se confortavelmente em Portugal e surpreendeu-se quando tudo estava desmoronado. «O povo de Moçambique apoia o Presidente do Conselho, apoia a ANP, apoia a política colonial». «Branços e pretos todos apoiam». São os mesmos! Eles é que apoiavam a política colonial. Apoiaram a nossa opressão. Alimentavam a nossa escravatura. São os mesmos que fomentavam a criação de grupos paramilitares GE, GEP'S, Flechas, OPV. São os mesmos. Depois, quando derrotámos o exército colonial, tentaram impedir que Moçambique ficasse independente. São os mesmos! São os mesmos que fomentam a criação de partidos fantoches em Moçambique em Lourenço Marques. Partidos fantoches a soldo do imperialismo. À custa dos nossos prédios. À custa do nosso sangue. À custa do suor. Pagar a partidos fantoches para matar o nosso povo. São os mesmos que financiaram as acções criminosas de reaccionários nacionais, como Uria Simango, Padre Gwengere, como senhora Dona Joana Simião, como o senhor Lázaro Kavandame e outros vagabundos.

E quando viram que nada conseguiam contra a nossa determinação fizeram o seu 7 de Setembro. O 7 de Setembro para nós é uma data grande. É uma data histórica para todo o povo moçambicano. Não por causa da acção criminosa dos reaccionários, mas porque foi a data em que assinámos o fim da guerra em Moçambique. Em que o inimigo capitulou e entregou-nos a nossa Pátria, respeitou a nossa dignidade. O fim da dominação colonial de muitos anos. São os mesmos que dispararam contra as nossas populações indefesas. São os mesmos que depois fugiram para Portugal dizendo que não podiam viver num País em que os pretos mandam. São os mesmos. Outros fugiram para a África do Sul e de lá continuam a organizar a subversão contra o nosso país. São os mesmos que continuam a espalhar canetas de bombas aqui em Lourenço Marques para criarem terror, para semear

desconfiança, para instaurar um estado de intranquilidade dentro da cidade. São os mesmos. Os donos dos prédios. No entanto, o dinheiro das rendas continua a ir atrás deles. Atrás deles, através dos seus procuradores que são os seus representantes aqui em Moçambique. Mas examinemos a questão: É correcto andar a esvaziar o nosso país para alimentar reaccionários? O reaccionário está aqui para mandar dinheiro ao reaccionário. Eles estão contra nós. Eles continuam a viver com o nosso dinheiro, a utilizar o nosso dinheiro para nos destruir. Perguntaríamos: vamos continuar a ter uma cidade que não é nossa? Vamos continuar a pagar rendas a proprietários que estão na África do Sul ou em Portugal? Que andarem a disparar tiros contra nós em 7 de Setembro? Vamos aceitar os procuradores dos reaccionários que transferem dinheiro para a África do Sul a fim de organizarem a subversão e enviar gente para nos atacar? Vamos continuar a ter desunião, racismo, grupismo, dentro da nossa cidade?

Dentro da nossa sociedade? Nós diremos não! Nós queremos unidade. A unidade que nós queremos é real. Uma unidade verdadeiramente sólida no pensamento e na vida quotidiana. Nós queremos o fim da discriminação em todos os domínios. Queremos acabar com a mentalidade colonial. Queremos sentir que as cidades do Maputo (não de Lourenço Marques), Beira, Nampula, Quelimane, Pemba, todas as cidades da República Popular de Moçambique, porque elas nasceram de sacrifício consentido pelo povo, são cidades dos moçambicanos e não fortalezas dos colonos onde nós ficamos no quintal. Mas sejam claros também. Há o direito de terem a casa onde moram. E aceitamos que eles tenham uma casa de repouso fora da cidade. Aceitamos isso. Mas sabemos também que as casas que existem não bastam para todos os moçambicanos. O problema de habitação continua. É um problema pernicioso, um problema crónico que só com o tempo será resolvido. Não é de um dia para o outro que o resolveremos. Só com o nosso esforço organizado.

DIA DOS HERÓIS MOÇAMBICANOS

Durante a luta de libertação nacional o exército colonial matou o nosso povo. Os combatentes e a população foram sempre alvos do inimigo. Por isso declaramos o dia 3 de Fevereiro como o Dia dos Heróis Moçambicanos e não o dia de Eduardo Mondlane. Não é o Dia do camarada Mondlane. É o Dia dos Heróis Moçambicanos. Aqueles que tomaram na luta contra a penetração do colonialismo em Moçambique, são os heróis mo-

çambicanos. Em primeiro lugar respeitamos uma comovida homenagem àqueles que tombaram heroicamente sem armas, na luta contra a penetração do colonialismo português em Moçambique. Sem armas, através das suas armas primitivas contra uma potência. Em segundo lugar àqueles que ao longo da dominação colonial, da administração estrangeira, foram deportados para muitos países e não voltaram mais. E outros através de greves nas estivas de Lourenço Marques, na Beira e outros noutros pontos do nosso País ofereceram a sua vida, reclamando a liberdade. Nas estivas, sobretudo nas estivas e nas plantações da cana-de-açúcar. Lembramo-nos do massacre de Lourenço Marques, do massacre dos trabalhadores de Xinavane, da Beira e de outros sítios.

Resistir ao colonialismo. Diziam: «não ao colonialismo. Queremos a nossa personalidade, queremos a nossa terra».

É depois o desencadeamento da guerra, desencadeamento da luta de libertação nacional.

Aqueles da terceira fase. Teremos que dividir o período em três fases: a penetração do colonialismo português, a sua administração e depois a guerra colonial de agressão contra o nosso povo. É por isso que vocês vêem as bandeiras a meia haste. Não é em homenagem ao camarada Mondlane. É em homenagem aos heróis moçambicanos; são homens que tornaram possível a independência de Moçambique; são homens que cimentaram com o seu sangue a nossa unidade. Isso o devemos a eles. Por isso o Comité Central da FRELIMO decidiu proclamar o dia 3 de Fevereiro como o Dia dos Heróis Moçambicanos, e não do camarada Mondlane. Decidiu aproveitar a data em que foi assassinado o camarada Mondlane, porque o camarada Mondlane resumizava os sacrifícios de todo o povo.

Ele, que organizou a FRELIMO para poder enfrentar o colonialismo, com armas na mão de uma maneira organizada e unida contra um inimigo definido.

Os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique que caíram durante a guerra de libertação nacional, queremos hoje anunciá-lo, nunca o dissémos a ninguém — são 2067 soldados da FRELIMO; os diminuídos físicos: 889;

Os que foram feridos no campo da batalha e capturados pelo inimigo e que o inimigo não nos entregou quando assinámos o Acordo de Lusaca e fizemos troca de soldados — os entregamos ao Governo Português mas os prisioneiros de guerra; o Governo

português não nos entregou nem sequer um soldado — capturados feridos dos nossos camaradas 282; os desaparecidos, que não sabemos se foram mortos, são 184.

Entre esses capturados e desaparecidos, alguns estavam na prisão da Machava e foram assassinados e outros foram assassinados nas prisões do Ibo. — Esses foram os soldados da FRELIMO que plantaram a árvore da liberdade que hoje brota uma sombra estrondosa;

Populações nas zonas de combate, sobretudo nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Tete, Manica e Sofala, particularmente nas três províncias Cabo Delgado, Tete e Niassa, onde a guerra durou dez anos através de massacres do inimigo, outros queimados nas pothotas, outros bombardeados com napalm, queimados pelo napalm; outros mortos na PIDE, outros na machamba, no transporte de materiais de guerra — 10 717;

Elementos da população que ficaram sem braços, sem pernas, sem vista — chamamos feridos, alguns já inválidos, são 3154 elementos; elementos da população que foram capturados pelo inimigo nas emboscadas, nas machambas, são 8657;

Elementos de população desaparecidos — 3745. Órfãos, crianças que ficaram sem pais e sem mães ou tem mãe e não tem pai, ou tem pai e não tem mãe, são 3227.

É por isso que nós proclamamos o 3 de Fevereiro o dia de grande momento para o Povo moçambicano. Por isso não podemos tolerar certas manifestações colonialistas na nossa sociedade. Não podemos aceitar discriminações na nossa sociedade. Venha quem vier, não a aceitamos. Sabemos quanto nos custou esta independência e sabemos como construíram a cidade de Lourenço Marques, como construíram as cidades das outras províncias. A custa do nosso povo. Mesmo que tenhamos de andar descalços, mesmo que tenhamos de andar dois, três anos sem vencimentos, mas reconstruindo a nossa Pátria, como fizemos nos 10 anos de guerra que não tínhamos nem 20 escudos, nem cem escudos, não tínhamos absolutamente nada e aqui estamos. Vivemos dez anos sem vencimentos. Não é o vencimento que nos faz viver. Aqui estamos todos. Vivemos dez anos sem vencimento com este fardo. Vocês nasceram desta tarde e deste casquete.

Foi possível, foi possível, primeiro por causa da nossa determinação e clareza dos nossos objectivos. Depois houve a solidariedade internacional, os países socialistas que nos ajudaram em medicamentos, em armas e em roupa — estas roupas que ainda temos hoje foram os nossos amigos, os países socialistas, que nos ofereceram. Estas armas que nós temos, não as comprámos. O povo desses países, trabalha, contribui mensalmente os povos oprimidos, para ajudar os povos subdesenvolvidos, para ajudar os povos pobres. Há países nossos amigos que anualmente — o ano tem 365 dias — descontam 50 dias para ajudar a luta do Vietnam, a luta do Camboja, para a luta do Laos, para a luta da América Latina — do Chile, o povo chileno, para a luta de Moçambique, para a luta da Guiné, para a luta de S. Tomé, para a luta de Cabo Verde, para a luta do Zimbabwé, para a luta de Angola, de todos os povos oprimidos.

Não são ricos esses países porque confiam na sua própria força, e sabem que só unindo-nos, os pobres, seremos mais fortes que ninguém. A nossa voz será capaz de abalar o inimigo mais forte. Por isso nós perguntamos para quê tanto sacrifício dos combatentes da FRELIMO, filhos queridos do Povo moçambicano. Para quê? Para continuarmos integrados nas estruturas colonialistas? Para continuarmos a viver nos estatutos estabelecidos pelos portugueses? Para quê? Para continuarmos a ser fantoches do imperialismo internacional? Nós dizemos NÃO!

O Povo da Tanzânia, povo pobre, pobre mais do que vocês, — vocês estão muito mais desenvolvidos em relação à Tanzânia — ele é um povo pobre, pobre, pobre, mas tem a sua convicção, tem a sua certeza e sabe dizer «enquanto os outros povos não forem livres, a independência da Tanzânia não tem significado». Isto é uma grande lição para o povo de Moçambique.

BANCO DE SOLIDARIEDADE PARA OS POVOS OPRIMIDOS

Sejamos como eles. E a honra que podemos dar aos nossos mártires, aos combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique, ao povo que transportou material, quando transportava a morte, finalmente.

Transportava o material de guerra para semeiar a liberdade e encontrava a morte, em compensação.

E nós, que estamos livres, o que faremos por eles? Qual é a nossa contribuição? Qual é o nosso respeito em relação a eles? Queríamos que nós aqui, unanimemente, do Rovuma ao Maputo, mensalmente, cada um de nós desse um dia de trabalho para o Banco de Solidariedade para com os povos oprimidos. E veremos, porque sabemos que alguns ganham muito mal, um dia para eles significa muito, mas vai o Ministério das Finanças estabelecer a percentagem daqueles que ganham muito mal. Mas, para nós que estamos aqui e que ganhamos muito bem, é um dia inteiro para os povos em luta, e alguns que estão aí e ganham oito, nove, dez contos, vinte contos, muitos aí, vão descontar um dia. A população deve contribuir, encontrar a forma de contribuir para a luta do Zimbabwé, para a luta da África do Sul e para a reconstrução nacional. A esse banco, chamaremos o Banco da Solidariedade. E, quando houver calamidades no nosso País será a esse banco que iremos buscar o dinheiro para reconstruir as aldeias comunais e reparar os danos.

Por isso diremos o dia 3 de cada mês não é para nós. Alguns estão aquilados com ideias colonialistas para as gerações futuras, sobretudo. Para saber porque é que estou contribuindo no dia 3 de cada mês? E dirão, mesmo, de uma maneira reaccionária: «Dizem que morreram alguns. Por isso damos dinheiro». Já é muito isso. Todos, a partir de hoje, todos os que ganham de oito contos para cima vão dar um dia, no dia 3 de cada mês. Para baixo, veremos a percentagem.

O dia 3 de cada mês é o dia que nos faz lembrar aquilo que não se esquece. Dizem que não existe, mas para nós existe. O 3 de cada mês faz-nos lembrar aquilo que não se esquece; faz viver o que não viveu. É o Dia dos Heróis, o 3 de cada mês completa alguma coisa. Sempre o 3 de cada mês completa alguma coisa. Por isso temos de contribuir. Três de cada mês — contribuição. Há inundações no nosso País, repararemos com esse dinheiro. Há ajuda para um país, e com esse dinheiro da Solidariedade que nós sempre: dinheiro da Solidariedade que nós daremos sempre: no nosso Banco da Solidariedade te-

ios fento. Outros vão contribuir com uma lata de milho; outros com uma lata de castanha, outros com uma lata de amêndois, outros com uma lata de batata, outros cultivando a macarrão. Outros têm que dar dançando.

Nós tivemos muita solidariedade durante a luta de libertação nacional, sobretudo nos países escandinavos, em que os estudantes secundários, os estudantes universitários iam trabalhar nos restaurantes, iam trabalhar nos hotéis, iam engraxar sapatos, iam vender jornais para dar ao povo de Moçambique. Nós temos as melhores imprensas, talvez, do Mundo foi-nos dado pelos estudantes dos países escandinavos. Temos transportes, carros, camiões, ambulâncias, à custa dos estudantes secundários e universitários e da sua solidariedade para com o povo moçambicano, mas os portugueses sem vergonha, roubaram alguns dos nossos camiões.

É por tudo isto que caíram aqueles heróis. Damos aqui as estatísticas dos soldados mortos e da população assassinada.

Portanto queremos anunciar que os prédios, a partir de agora, ficarão sob o controlo do Estado. O Estado a partir de agora passará a tomar conta dos prédios de aluguer, das casas abandonadas, das casas cujos donos fugiram de Moçambique. O Estado negociará, estabelecerá as regras de ocupação. Não há invasão. Agora não há invasão aos prédios. O Estado vai montar, a partir de hoje, soldados para segurança. Ai daquele que tentar sabotar o prédio. Sei que o povo é muito disciplinado, muito organizado e por isso não vai fazê-lo, alguns reaccionários que estão lá. Vão tentar pôr explosivos. Ai deles! As Forças Populares de Libertação de Moçambique, o Corpo de Polícia de Moçambique e os Grupos Dinamizadores passarão a controlar a partir de agora, em todo o território da República Popular de Moçambique, os prédios. Ai daquele que tentar sabotar o prédio! Ai dele! Servirá de exemplo para a República Popular de Moçambique e para o Mundo.

Os nossos camaradas caíram precisamente para isto. Nós respeitamos a casa onde cada um vive. Aluguer não. Será o Estado. Construir para viver é um direito. Para explorar, não. Se querem construir aqui, ali, na praia, correcta, construam. A população será

orientada como construir as suas casas, pois nem todos podem ir para os prédios. Se ganha mil e duzentos ou três contos não pode pagar o prédio, eles devem muito dinheiro ao Estado, por isso chamaremos aqueles que ganharam muito dinheiro e que não estão lá. Para isso o Estado fixará o preço dos prédios.

Quero dizer aos que forem para os prédios, não só em Lourenço Marques, mas em todo o território onde há prédios; Pemba, Quelimane, Nampula, Lichinga, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, que os prédios pertencem ao Estado. O Estado de Moçambique é um Estado de operários e camponeses; somos nós aqui. Portanto, aquilo é nosso. Logo é nosso dever cuidar daquilo. Por exemplo, manter a cidade limpa. Todos nós, em conjunto, não somos capazes de num domingo limpar a cidade? É preciso o Estado gastar dinheiro pagando aos varredores das estradas? Vocês têm vergonha de varrer a vossa cidade? É preciso fixarmos os dias de varrer a cidade. Não queremos sujidade na nossa cidade. É preciso liquidarmos as moscas aqui na cidade. A característica da cidade deve ser a higiene e a limpeza, que representam as vossas caras. Se tiverem remelas nos olhos isso significa também a situação da vossa cidade. Depois é preciso também evitar algumas outras coisas, como isso de pendurar as capulanas todas cá fora; se não a cidade fica como se fosse só de monhés. Em segundo lugar é também preciso evitar que levem cabritos para os prédios. Cabritos e galinhas não vão para os prédios. Terão que combinar com os que ficam no rés-do-chão onde ficam as galinhas. Correcto? Em terceiro lugar o pilão também não pode ir para o prédio. Todos os dias a baterem com o pilão o prédio vai cair, tem de ficar lá em baixo também.

TRES OBJECTIVOS A ALCANÇAR

E agora, em resumo desta reunião, porque é que tomámos estas medidas? Liquidar o racismo; liquidar a discriminação racial; liquidar a discriminação social que ainda existe na nossa sociedade e na nossa cidade. Liquidar o racismo, acabar com a divisão para criar as bases da verdadeira unidade, unidade de todo o povo sem discriminações baseadas na raça ou cor da pele. Por isso digamos: abaixo o racismo.

Segundo objectivo: Permitir ao povo tomar a cidade vivendo nela. A cidade deve pertencer ao povo moçambicano. A cidade não deve pertencer aos exploradores. Não deve continuar a ser propriedade dos capitalistas. A cidade deve ter uma face moçambicana. O povo vai poder viver na sua própria cidade e não no quintal da cidade. Por isso digamos: abaixo a exploração; viva o poder dos explorados.

Terceiro objectivo: Organizar no seio da cidade, nos bairros, nos quarteirões e nos prédios uma verdadeira vida colectiva. Organizar a Democracia no seio da cidade de modo a que todos participem na discussão e resolução dos problemas da vida colectiva, da vida de todos e de cada um. Deste modo estamos a criar as bases para o exercício do Poder Popular Democrático que é o alicerce político da nossa sociedade. Por isso digamos: Viva o Poder Democrático; Viva o Povo Unido do Rovuma ao Maputo; Viva a FRELIMO que Une e Organiza o Povo. Viva o Dia 3 de Fevereiro de cada ano; a Luta Continua. Independência ou Morte».

RECORDANDO OS HERÓIS QUE MORRERAM

Manhã cedo começou-se a registar grande afluência de público nas artérias que conduzem à Praça dos Heróis, em Maputo, onde estava marcada uma reunião popular, assinalando o Dia 3 de Fevereiro.

Cerca das 9.15 horas chegou àquele local o Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, que se fazia acompanhar do Vice-Presidente da FRELIMO e Ministro do Desenvolvimento e Planificação Económica, Marcelino dos Santos; de Alberto Chipande, membro dos Comités Central e Executivo da FRELIMO e Ministro da Defesa Nacional; de Armândo Guebuza, membro dos Comités Central e Executivo da FRELIMO, Comissário Político Nacional e Ministro do Interior; e pelo Ministro da Educação e Cultura, Graça Simbine.

Aguardavam aqueles membros do Partido e do Governo, elementos do Corpo Ministerial, formado por Jorge Rebelo (Ministro da Informação), Mariano Matsinha (Ministro do Trabalho), Sebastião Mabote (Vice-Ministro da Defesa Nacional), Óscar Monteiro (Ministro do Estado na Presidência), Joaquim de Carvalho (Ministro da Agricultura), Daniel Mbanze (Vice-Ministro do Interior), Hélder Martins (Ministro da Saúde), Mário Machungo (Ministro da Indústria e Comércio), José Luís Cabaço (Ministro dos Transportes e Comunicações), Rui Baltasar (Ministro da Justiça), Júlio Carrilho (Ministro das Obras Públicas e Habitação) e Salomão Munguambe (Ministro das Finanças).

Antes de dar início à reunião popular, foram colocadas quatro coroas de flores na base do monumento aos Heróis da Pátria, tendo-se, em seguida cumprido um minuto de silêncio em memória dos moçambicanos que deram a sua vida na luta popular de libertação nacional.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-02-05)